

TRIBUNA ARTISTICA

Periodico semanal escripto e redigido por artistas

Rio de Janeiro.—Domingo 10 de Dezembro de 1871

Advertencia

ASSIGNATURAS

SEM SELLO

Sem condição a 200 réis por mez.

COM SELLO

Igual preço, mas nunca menos de dez mezes

Com este numero acha-se finalizado o primeiro mez do nosso periodico, e por isso pedimos áquellas pessoas que o assignaram por esse tempo a reformal-o com o fim de podermos melhorar a entrega.

Recebe-se qualquer artigo que esteja sob o nosso programma, endereçando-os seus autores á redacção na rua Nova do Ouvidor n. 20, para onde deve ser dirigida qualquer reclamação ou correspondencia.

Em Nictheroy, rua Direita da Conceição n. 55, assigna-se e encontra-se á venda.

Summario

O LABORATORIO EM NICTHEROY

O QUE É A JUSTIÇA AQUI!

COLLABORAÇÃO

IMPRESA AMERICANA

CHRONICA

IMPRESA

LITTERATURA

TRIBUNA ARTISTICA

O LABORATORIO EM NICTHEROY

Sempre que a voz da indignação se levantar ante a impolidez e menosprezo dos *mandarins de officinas*, que vaidozos sustentam-se no poderio que fruem esquecidos do trilho da nobreza e direitos, procurando o caminho tortuozo do vexame para submitter seus subordinados, nós havemos de repetil-a com a coragem de homens independentes que, a despeito

da pressão moral em que vive o Brazil, ainda não puderam admittir entidades humanas e divinas, ou cidadãos irresponsaveis pelos actos que praticam em nome de um principio qualquer.

Tivemos uma educação de humildade; mas o *sol* brasileiro do servilismo não nos enfraqueceu o cerebro com os seus limitados raios dispersos pelas escolas de primeiras letras: fomos mais felizes que o maior numero dos irmãos a quem defendemos com amor e convicção, porque dahi sahimos para abraçar uma profissão que recebe e expede as luzes da civilização moderna—a arte typographica—, onde tambem não existe bastante amor-proprio entendido, pois que alguns de seus membros se têm deixado levar por miseraveis retribuições pecuniarias ao mais vil desprezo da moralidade individual.

Mas não nos toca agora fallar do que se pratica no seio dessa corporação, levantamos a voz em nome dos trabalhadores do laboratorio da marinha em Nictheroy, onde se procura desmoralizar uns em favor de outros, que mais tarde soffrerão os mesmos rigores da enfatuada pujança de quem quer que seja.

Sempre ouvimos dizer que cada officina tem as suas obrigações proprias, nem mesmo é possível ser de outro modo quando se sabe que o pedreiro não é carpinteiro, e que ambos não trabalham com carvão de pedra para carregar-o no dia que ahi chega.

Eis porque fallamos, embora não achemos desairozo tal trabalho; mas porque entendemos ser esse um dos meios de se derespitar aquelles que não são obrigados a fazer serviços fóra das suas attribuições.

E depois, isso em uma officina do governo, que possui recursos a ponto de se desperdiçarem, o que póde significar?

Em nosso modo de pensar de duas uma: ou a desmoralização de uns para todos, ou odio mal entendido dos chefes, mestres ou contra-mestres, quazi sempre alheios ás profissões de que são testas.

Infelizmente não podemos indagar agora o que quer isso dizer em absoluto, reclamamos sómente maior attenção para aquelles que se sujeitam a certos trabalhos sem reclamarem seus direitos com a confiança que devem ter na razão da cauza porque fizeram.

O QUE É A JUSTIÇA AQUI!

Por mais que se queira fugir de fallar da justiça do nosso paiz, não é possível. Ella está tão malbaratada que é preciso

todos nós olharmos os factos e admirarmos com attenção a eloquencia delles.

E' por isso que nos intrometemos na questão dos estudantes processados pelos disturbios feitos na faculdade de medicina em dias do mez passado, os quaes. levados ao tribunal perante o Sr. Dr. Lopo Diniz, parecem terem encontrado não um magistrado recto e conscienciozo, e sim um inimigo hybrido de raiva!

Assim pensamos, e nada nos demove disso quando pela segunda vez o Sr. Dr. Lopo Diniz atropellou a inquirição das testemunhas do processo, fazendo o auditorio reclamar contra semelhante fórma de administrar justiça, succedendo por isso o que era de esperar, ser o mesmo senhor obrigado a suspender a sessão para o dia 13 do corrente, se não é que aconteceu-lhe o mesmo que aos mercadores corridos do templo, conforme a phrase de quem nos informou do acontecido.

O altar de Themis desta vez ficou profanado por um dos seus sacerdotes, que a nosso ver não póde mais continuar a revestir-se com a toga dos juizes imparciaes e honestos.

Eis o preço com que se paga a corrupção e a venalidade—o desprezo e a reprovação publica—.

COLLABORAÇÃO

O ARTISTA PERANTE OS ARTISTAS

E' natural que aquelle que dezeja o progresso de qualquer instituição ou cauza se esforce a acompanhar a sua marcha e demonstre em linguagem livre o que porventura julgue ser os males que a definha e enfraquece.

Pensando assim, confesso que a mór parte dos males que tanto têm acabrunhado e enfraquecido a classe laborioza emana-se dos proprios artistas, dos procedimentos dos seus actos e da posição humilhante de quazi o seu terço.

Não dezejo com isto desgostar os meus irmãos; é meu intento tão sómente demonstrar a veracidade dos factos

Entendo que a cauza motora desses males interna-se na ambição, no capricho, humildade e vingança.

D'ahi surge a ingratição do usufructante e o desgost do laboriozo.

Pelo espirito intrigante o bajulador leva a crer ao proprietario a incapacidade daquelle que desempenha suas funções com criterio e pericia, collocando-o na posição de sujeitar-se á males que não podem esperar.

Outros, pela ambição do lugar mais importante da officina occupado pelo seu collega, empregam meios, forjam inventos, até que, conseguido o seu fim, vê o seu collega, o seu irmão, passear pelas ruas, quando elle corre a tomar o lugar, que não póde desempenhar com altivez, perfeição e entendimento.

Os outros que na mesma officina existem, olham para essas scenas com indifferentismo, temendo serem victimas dos mesmos instrumentos.

E devia ser assim?

Onde está o conhecimento, o valor e o apreço do artista!

Este luta com as difficuldades, com a miseria; sua familia, seus filhos, soffrem os rezultados da paralização de seu labor; e aquelle muitas vezes, sem encargo algum, vae depositar na orgia, na pelintragem o salario que uzufreue á custa dos seus collegas.

E este infeliz, victima da traição, com o pezo soffredor das occurrencias domesticas, não póde sustentar a altivez, a nobreza artistica, e consequentemente trabalha por *plata e meia*.

Como não assim?

Os estabelecimentos rarissimos, o movimento equilibrado; os seus administradores, ou proprietarios, reconhecendo a capacidade e perfeição no artista, fingem não precisar delle, e lhe offercem um salario de servente, de preto do ganho.

E elle, sem recurso algum, deixando de lado a posição artistica, é forçado a representar entre seus irmãos um papel triste e ridículo!

E poder-se-ha accuzal-o?

Estes são os pontos capitaes que devemos reflectidamente estudar, e logicamente apreciar-os.

Para extinguil-os é de urgente necessidade—união e amizade—.

Nictheroy, 5 de Dezembro de 1871.

O BRAZIL

Cada pedra que o progresso material consegue depor no alicerce do grande edificio social do imperio brasileiro, vai tambem, máo grado, a luta entre os homens e as couzas, levando-o em sua torrente impetuosa para o progresso moral que tanto lhe é ambicionado.

E seria na verdade dezaizo que o Brazil, rico e uberrimo como é, e fundado sob tão bellos auspicios, permanecesse estacionario, abandonado unicamente aos recursos immensos e inexauriveis que a

mão da natureza em seu seio tão prodigamente derramada, e tudo isto só por incuria!

Que não diziam de nós esses paizes menos antigos e menos prosperos que vão marchando com uma velocidade espantosa na senda do progresso, tornando-se tão fortes e tão orgulhosos que até não trepidam lançar olhar de menosprezo sobre os importantes paizes que povocam a velha Europa?

Era já tempo de sahirmos desse marçimo, que tão nocivo foi ao Brazil, e olhando para o bello futuro de que é elle digno, pôr em acção as forças que ainda são immensas e bem capazes de empresas tão grandes, quão arrojadas.

E assim vai acontecendo. Os feitos e os factos uns apoz outros vão deixando traços bem salientes que corroboram o que hemos avançado. A historia tem-se nestes ultimos tempos tornado soberba pela importante colheita que para dourarem suas paginas, já tão assignaladas, hão feito os filhos deste abençoado torrão da America do Sul, se bem que as mais das vezes á custa do sangue e da propria vida de muitos delles.

Como diziamos o progresso material, em sua rapita carreira vai abrindo estradas, povoando as margens amenas e pittorescas das nossas vias fluviaes e fazendo sulcar as suas aguas por esse motor da civilização que chamamos — vapor.

Em tempo que não está muito longe veremos ainda penetrar por esses sertões extensos e selvagens, os raios vivificadores da civilização, e então esses povos infelizes que ora nada parecem almejar, porque tudo ignoram, não só erguer-se-hão e hão de arrojar-se com denodo ás empresas nobres e atrevidas, como também receberão e buscarão elles mesmos, com afan, essas lições sublimes e edificantes que sómente sóem dimanar da regilião do Martyr do Golgotha!

Praza aos Céus que o que levamos dito se possa verificar em um espaço de tempo menos longo do que aquelle que temos em mente ao traçarmos estas breves e pobres linhas.

E' pena que muitos homens eminentes, que muito e muito podiam fazer para tornar o Brazil rico e poderoso, delle hajam quazi descorado para se abandonarem ás luctas inglorias das recriminações politicas pessoases!

Pensando talvez celebrar-se com o resultado desses combates, degradam-se e tornam-se em vez de amigos inimigos de seu paiz, porque procuram minar surdamente os principios sobre que assentam a felicidade e o poder de uma nação.

Basta. O curto espaço de tempo de que podemos dispôr não nos permite tratar mais detidamente do assumpto em nossa linguagem rude e humilde.

Se no que temos escripto encherem-se censura, só della se tornam merecedores aquelles que, podendo com suas luzes e virtudes conduzir o Brazil ao fastigio da gloria, pouco ou nada hão feito durante todo o tempo decorrido.

Dezembro. — 1871.

DENIZ JULIO.

OS ARTISTAS NO BRAZIL

E' sob o doce reinado da paz que as artes florescem, é sob o respeito mutuo e a educação social que um povo se mostra digno de ser considerado — povo illustrado e independente—.

Para que elle possa ser independente, illustrado, o que é preciso? Compensação de seu trabalho. O brasileiro artista no nosso paiz, não tem a protecção que devia ter, nem o prestigio que merece quem ganha com o seu suor o pão manual.

O desprezo com que é tratado o — operario — é digno de attenção, é digno de reparo.

Diz-se em qualquer sociedade: « F. é um pobre operario! » como se esse qualificativo, santo baptismo da actividade humana, pela força do qual o homem utiliza-a em prol de seus semelhantes, fosse um estigma, uma nodoa que o deva segregar das demais classes!

Mas essa apreciação que se faz do operario é porque elle não pôde competir com os recursos de que pôde dispor qualquer individuo de classe differente.

Se o artista fosse bem remunerado, se ganhasse quanto lhe bastasse para a sua manutenção, da familia e para outras necessidades que a civilização reclama, se lhe sobrasse alguns tostões para comprar jornaes e livros, se elle pudessem com o fructo desses esforços accumulados ter certa decencia no trajaz — por certo não seria considerado com esse mal entendido desprezo.

Os povos que tiram justa remuneração de seus esforços, não podem destruir, não podem pensar senão em crear, aperfeiçoar e educar-se nas doutrinas do bello, na perfectibilidade do trabalho que sahe das mãos dos bons cultores d'arte.

A boa remuneração promove no animo do operario a sua assiduidade nas officinas, affasta a miseria e castiga também a ociosidade!

Os governos devem de preferencia attender a essa classe porque os operarios são os que mais contribuem para os cofres publicos.

Para provar que um operario não ganha na razão directa dos augmentos e carestia dos generos e impostos basta fazer este raciocini: Ha dez annos um official ganhava 4\$000; hoje tem subido tudo em proporção, conservando os mesmos 4\$, quanto vem elle a ganhar?! Fará com quatro mil réis actualmente o mesmo que fazia ha 10 annos?

E eu creio que tão intrincado não é o problema a rezolver na consciencia ee todos.

Não pensem que eu dezejo revolucionar as massas, não o dezejo que se attenda para os desherdados da sorte paro que estes tenham recursos para se illustrarem, para respeitarem-se e para serem typos de honra, dignidade e cidadãos devotados á sua patria.

Porque, senhores do governo, quando a necessidade bate á porta a virtude escoo-se pela janella.

Augmentem-se os salarios aos

artistas dos arsenaes e criem-se premios aos que mais se aperfeiçoarem; é o unico meio de felicitar a classe dos artistas.

CCTAVIANO HUDSON.

IMPRENSA AMERICANA

INSTRUCCÃO PUBLICA

Quando na Escriptura se diz que não chegariam á terra da promessa os que tivessem sahido do captivo do Egypto contando mais de vinte annos, mostra-se a sabedoria do illuminado Moyses. Elle comprehendia perfeitamente que uma escravidão de vinte annos, a contar do berço, quebra a alma, deixa raizes tão profundas de servilismo que torna-se impossivel desarraigal-as: é o estofa que já tomou as dobras.

Os jezuitas, querendo dominar o mundo, comprehendem ao primeiro aspecto que toda a força de sua ordem seria impotente para transformar a sociedade, si elles quizessem immediatamente arcar contra os que tinham mais de vinte annos, contra os que segundo a Biblia, estragados em sua primeira idade, não podiam, não eram dignos de pizar a terra da promessa. —Elles eram instruidos e bons observadores, reconheceram que morreriam em germen se não fossem caulelozos, si se arriscassem á luta; e por isso lançaram suas vistas para a infancia, para essa idade em que a alma está ávida de conhecimentos, e em que se grava em nossos cerebros o sello das imagens que se apresentam aos nossos olhos, e das idéas que por meio de palavras ferem os nossos ouvidos.

O jezuitismo arvorou desde logo a bandeira da instrucção publica, elle queria homens intelligentes e doces á sua vontade com uma instrucção sufficiente para desempenhar tudo quanto fosse a bem da ordem. Elles eram as cabeças, não admittiam outras, mas queriam braços amestrados em certo trabalho que os auxiliassem poderosa e utilmente.

Elles tomaram a seu cargo a instrucção da mocidade, montaram e abriram collegios por toda a parte, e bons collegios, cujas aulas foram regidas por habeis professores.

Ahi aprendia-se muito; mas ficava em suas mãos a *censura dos livros*; só se aprendia o que lhes podesse ser util ou fosse indiferente, isto é, o que elles permitissem.

Aprendiam-se linguas, a latina especialmente, aprendia-se theologia, e as sciencias que não habilitassem na arte de governar.

Como o seu fim era escravizar o mundo fallando elles em nome de Deus, e por toda a parte antepondo-se á divindade, para que se tornassem invulneraveis, desenvolviam cautelozamente e amplamente a hypocrizia e o fanatismo.

Em suas escolas não havia liberdade de pensamento, tudo era peccado e até o ouvir conversar em

philozophia, quando esta pedia á intelligencia a razão das couzas.

Era isto fecharem a porta á instrucção apezar de abrirem collegios por toda parte; eram collegios para formar fanaticos, escravos, ignorantes e homens inuteis que puxassem para a ordem, e não para formar cidadãos, homens que comprehendessem os seus direitos e os seus deveres e soubessem pugnar por elles.

E não se pôde negar o que os jezuitas conseguiram por meio da tal *instrucção publica*: conseguiram embotar as faculdades do mundo inteiro, para que pudessem existir, ao lado de collegios, tribunaes do *Santo-Officio*, ao lado das suas livrarias e bibliothecas as fogueiras da iniquização.

E como, ao passo que se profundava o latim e o grego, que o povo achava collegios e habeis professores por toda parte, este mesmo povo amortecia cada vez mais os seus nobres sentimentos, sentia-se fraco e abatido, tinha as faculdades embotadas, e não sentia força para reagir. Por ventura a instrucção debilita o espirito?

Não, a instrucção fortalece, a instrucção dá vigor; mas é que neste ponto intervem a questão do *livro* de que fallamos em o nosso numero 11: é que em geral tem-se uma idéa falsa da instrucção.

O conhecer muitas linguas, mesmo bem, não é ter instrucção, é apenas achar se habilitado para recebela ou procural-a; saber o que manda a civilidade ou a theologia não é ter instrucção: com esses conhecimentos não se formam cidadãos, formam-se pedantes e hypocritas.

Essa instrucção não habilita o espirito para o raciocinio, não lhe dá factos e raciocinios preliminares que sirvam de bases a outros que sejam uteis á sociedade ou á verdade em geral.

Será uma instrucção si quizerem, mas é a falsa instrucção, porque a verdadeira tem sempre por fim o bem commum.

O saber de cór um Almanak de 1200 paginas é difficil, com isso se gastariam annos, e para muitos seria uma responsabilidade; mas o que o conseguisse não poderia ter mais que uma pretensão irrisoria á instrucção; si pensasse que a tinha se tornaria um pedante.

Pôde-se saber ler e ser muito ignorante, pôde-se saber linguas e ser ignorantissimo, pôde-se mesmo ter outros pretendidos conhecimentos e nada saber de util.

A sociedade não reflecte nestas couzas e grita simplesmente: Escolas, escolas! — Sim, mas vamos ao livro.

Já não me refiro ás escolas primarias, refiro-me ás superiores: uma escola que faz um curso de direito publico interno, onde só se estuda o governo monarchico, embora constitucional, não instrue. Traça um fundo sulco e ahi mette a roda de um carro que delle não se pôde safar. Não forma cidadãos, forma soldados do rei. Aquelle

que depois de ter cursado semelhante escola pensa ter instrução, embora tenha de memoria todas as opiniões de quantos illustres commentadores existam e tenham de existir, pouco vale, é um espirito improductivo, frivolo, inutil, capaz apenas de más compillações, ou de servir de metralha em dia de combate. Tem na cabeça um montão de idéas confuzas, cujo alcance não mede, nem póde medir.

Melhor instrução contará o que se tiver possuido profundamente do direito publico interno encarado sob todas as fórmas possiveis, que tenha um pequeno numero de idéas, mas todas sãs, todas justas. Sobre estas elle póde raciocinar e produzir, porque domina o terreno em que piza, tem um horizonte largo.

O mesmo a respeito dos que se firmam em materias religiosas repellindo as que lhe são contrarias.

A questão do livro é de summo alcance.

E' preciso saber ler, mas é preciso tambem ter o que ler e que esse o que ler não falseie o espirito em lugar de fortifica-lo, que não illuda o homem em lugar de esclarecel-o.

Isso que a sociedade chama instrução, isso que se aprende nos collegios, é aquillo de que se póde fazer um cathecismo, de que se presta exame, que entra na estatística, é—o que se vê—; mas essa sabedoria intrinseca de que se faz exame diariamente nas conversações, mas de que não se o faz nos cursos, essa que se adquire reflectindo, lendo ou simplesmente ouvindo, que não se torna sensível por se achar diffusa como a luz, essa sabedoria que gerou a sabia organização dos Estados-Unidos da America do Norte, essa é o que não se vê. Entretanto é a verdadeira sabedoria, ella curva a humanidade inteira sem empregar ferro nem fogo; ella existe ás vezes sem que se curse em escolas.

Se se contarem as pessoas que na Prussia sabem ler, diz a estatística que este paiz é talvez o mais instruido do mundo; mas se se estudar pelos resultados, os Estados-Unidos da America lhe estão muito superiores; a França, contra quem falla a estatística, está superior á Prussia.

Não combatemos a criação de escolas primarias, secundarias ou superiores, dezejamos que existisse uma para cada 500 individuos da população, como disse Julio Simon; quizeramos que nenhum homem deixasse de saber ler; mas dezejamos que fossem satisfeitos estes quezitos para que a população pudesse se instruir; mas de modo algum cremos ou podemos admitir que já seja essa a instrução, será quando muito uma instrução.

Queremos que o povo não se illuda vendo o que se diz e o que se faz para crear escolas primarias, isso não basta; na Prussia quasi todos sabem ler, grande parte da população sabe latim, mas isso não

impede os prussianos de serem escravos doces de Bismark, instrumentos do rei Guilherme; isso não os impede de ir á posteridade, com a sua falsa instrução, como barbaros, como selvagens.

E' deste estado que dezejamos ver livre o Brazil, e que por isso fazemos a questão do livro.

Que haja escolas, que todos saibam ler; isso tambem se diz na Prussia.

Que haja onde ler, — isso já se diz na Prussia—, e nesse ponto ella está muito avançada.

Mas o que ha para ler? Como se escreve o que se hade ler? Como está organizado o ensino? Isso é Bismark quem sabe, sabiam os jezuitas, sabem todos os oppressores da humanidade.

Prim, de Moltke, Bazaine, quantas espadas têm decepado as cabeças de seus semelhantes, quantos traidores têm comprometido seus paizes, ou flagelado o proximo, todos, quasi todos sabiam ler, todos cursaram escolas; mas é certo que não se tinham possuido da instrução, não tinham comprehendido o pensamento da sciencia.

A instrução é pura e simplesmente o conhecimento da verdade em absoluto, e das verdades que ha em cada genero de conhecimentos, o fim da sciencia é a investigação da verdade.

Se Prim, de Moltke e Bazaine tivessem encarado a luz da verdade, elles não seriam o que têm sido, tornar-se-hiam homens immortaes dignos da estima e da consideração dos povos.

Os jezuitas fizeram questão transcendental do conhecimento das linguas mortas, porque era preciso conservar em seus collegios a mocidade até passar a idade de 20 annos para que ella não pudesse entrar na terra de promissão, visto ser esta a idade marcada nas Escripturas; era preciso inculcar que se a queria tornar profunda no conhecimento de uma lingua mãe, para ter tempo de quebrar-lhe o espirito, de embotal o por outro lado.

Elles eram habeis na arte de governar, dizemos, escravizar e devastar a humanidade, na arte de corromper e de inutilizar os homens.

Os jezuitas comprehendiam a questão do livro.

(O Artista.)

CULTO AO TRABALHO.

Em materia de religião, philozophos affirmam que o culto externo é de grande alcance, com razão o fazem.

O homem distincto, bem reputado na sociedade deve exercel-o, não que para adorar um Deus tenha elle precisão de ir a um templo, e de manifestar os seus sentimentos pelo exterior; mas é que o procedimento desses homens exerce grande influencia sobre o espirito daquelles que não podem ou não têm o habito de raciocinar, que fazem juizos summarios.

E' um facto. E' tambem certo que em

relação ás artes e á industria não basta que os homens salientes do paiz sintam como sentimos, é necessario que manifestem a sua maneira de pensar, que mudem o sistema que temos seguido.

Uma profissão é um sacerdocio. As artes e a industria tambem têm o seu templo. Entre nós têm ellas falta de apóstolos, embora tenha tido sacerdotes. Para que ellas prosperem, é mister que façamos apparecer o culto externo; que os homens eminentes não receiem entrar nas casas de trabalho como quem faz uma profanação; que olhem para o artista como para um homem oppresso, a quem por isso mesmo é preciso dar o pão do espirito.

Jesus-Christo nunca fugio do pobre: pelo contrario, se approximava de todos indistinctamente, porque todos precisavam da santificação do seu contacto. Procurava mais os desvalidos e infelizes que os ricos e poderosos; levantava os que tinham cahido, sustentava os fracos para que não se deixassem abater.

E não se diga que do artista, do homem pobre ou ignorante, nada se póde esperar; não, que isso é erro.

O proprio Jesus-Christo, querendo fundar uma grande idéa, principios que remissem o povo da barbaria que o suffocava, não se dirigio aos grandes do seu paiz; não, que esses estavam todos viciados, estragados pela necessidade, manietados pelo meic em que viviam. Elle procurava os pobres e ignorantes, cercou-se apenas de doze discipulo, pescadores, homens do povo.

E elle se propunha reformar a humanidade.

E reformou-a quasi que por toda a parte, modificou-a ao menos em geral.

Elle disse:—O peor cego é aquelle que não quer ver—. O ignorante, o homem que soffre não fecha os olhos á luz, não cerra os ouvidos á razão; a elle é que é preciso fallar.

O homem que tem vista fecha os olhos á luz, não lhe dá valor; mas o que é cego não tem ambição mais forte do que a de adquirir a vista. E' preciso dar-lh'a.

Todos os cidadãos que comprehenderem o valor das artes e da industria n'um paiz, e que têm patriotismo, devem, como Socrates, sempre e sempre dar força a essas idéas, ennobrecer o trabalho, mostrar pelo exemplo e pela palavra que a deshonra está no vicio, que o trabalho é nobre, foi deixado por Deus ao homem: é uma necessidade para a conservação da saude e da vida, para o melhoramento dos costumes.

A industria é que traz a independencia de facto de um paiz. O trabalho é um dos elementos da riqueza. O trabalho é nobre, merece ser honrado, deve ser objecto de um culto externo se quizermos communicar um impulso á roda do progresso deste paiz.

(Idem.)

CHRONICA

Rio, 10 de Dezembro de 1871.

O club Minerva realizou no dia 1 do corrente mez o seu segundo concerto, o

qual correu maravilhosamente, não só pelo rapido desenvolvimento dos socios que, ha pouco tempo aprendizes da muzica, já nos fizeram ouvir lindas peças, entre ellas a ouvertura da opera — Noite do Castello — do nosso maestro Carlos Gomes, como tambem por terem algumas senhoras, que honraram esta festa, cantado riquissimas árias ao som do piano.

Concluido o concerto começou um luzido *soirée*, onde reinou a melhor ordem e o devido respeito, não se manifestando nem de leve constrangimento algum, devido isto á modestia e simplicidade com que todos se apresentaram.

Sendo, pois, a muzica, o canto e a dansa os principaes nutritivos do espirito humano, dezejamos ardentemente que o club Minerva prosiga em sua marcha progressiva, e que, embora contrariado pelos espinhos que deve encontrar, não estacione no campo que tem de percorrer.

Ao sympathico e incansavel professor da orchestra dirigimos a nossa admiração pelos esforços que tem empregado para conseguir o seu dezejo, plantando em seus novos discipulos o estímulo á muzica e depositando em cada uma intelligencia a semente que deve brotar, mais tarde ou mais cedo, para produzir o fructo saboroso que todos nós almejamos.

IMPRESA

ESTADOS-UNIDOS

CONSTITUIÇÃO, COSTUMES, UZOS, LEIS, INSTITUIÇÕES E SEITAS RELIGIOZAS

por

Mme. Olympe Audouard

(Cont. do n. 3)

CAPITULO I

A constituição de Washington applicada á França

Eu humildemente o confesso, ainda que muitas vezes tivesse ouvido fallar de republica em França, ainda que lesse muitos jornaes tratando de tal assumpto, só depois de minha estada nos Estados-Unidos, é que comprehendi perfeitamente o que era uma verdadeira republica.

Creio que ha muitas pessoas em França que não têm senão uma idéa vaga da constituição americana e da maneira por que ella é applicada. fica entendido que não fallo dos chefes de partidos nem dos jornalistas; estes, eu o asseguro, estudaram a constituição de Washington, viram-na funcionar, e por consequencia sabem tão bem como em tudo quanto vou dizer.

Os americanos têm admiravelmente comprehendido que o homem é por sua natureza ambicioso, que o poder tem para elle encantos; e que uma vez de posse delle, difficilmente se decide a abandonal-o; demais, conhecendo a natureza humana e sabendo que o homem está sempre apto para commetter arbitrariedades, que cada um tem em si a condição de um despota, elles não se tem fiado na honestidade dos homens que elegem para seus prezidentes.

Julgaram que era mais salutar fazer uma constituição que tirasse toda a possibili-

dade de um golpe d'Estado, e de usurpação do poder. Prevenindo a ambição, tornaram sua realização impossível; perfeitamente comprehenderam que os Cincinnati e os Washingtons foram homens tão raros e tão fóra do commum, que a natureza collocou 2328 annos entre ambos; elles dizem que, apesar da congregação de Cincinnati, fundada na America em 1783 era mais prudente desconfiar-se e não contar mesmo seguro o desinteresse dos membros da dita sociedade; previdentes e sabios, têm a intuição de Cezar, não deixaram aquelles que elegem para prezidentes de sua republica a minima possibilidade de serem déspotas, só lhes confiaram um poder illuzorio, têm feito delles simples camaristas do povo em presença das potencias estrangeiras. Defensores de suas liberdades e de sua soberania, elles se têm abtido de confial-os anticipadamente á desconhecida lealdade de um homem.

Emfim, querendo ser verdadeiramente soberano, o povo americano descobriu que com um governo central e poderoso selo-hia impossível, estabeleceu uma federação de Estados livres e independentes; tomou todas as precauções para frustrar as ambições pessoas desses homens que se servem da palavra — patria — para subir a um pedestal —, muitas vezes com o prejuizo dos interesses dessa mesma patria que invocam.

A unica maneira facil de bem explicar o systema governamental americano, é applicar como demonstração a constituição americana ao nosso paiz.

Figura-se a alguns francezes que, para ter uma republica, trata-se tão sómente de proclamal-a, e que com um prezidente e homens que se intitulem funcionarios da republica, bastará para assegurar a liberdade e fazer cessar os abuzo e o privilegio. Emganam-se e talvez algum dia reconheçam quão grande era seu erro.

Observai que será mais difficil estabelecer a liberdade em França do que em outro qualquer paiz, por cauza do caracter francez.

O francez ama o despotico; accomoda-se tão bem com elle como o peixe n'agua, não reclama senão quando elle o constrange. Todo o francez ama a liberdade, mas para si; respeitar a dos outros é couza que elle não sabe. Isto fallando-se tanto dos republicanas como dos realistas e imperialistas. Neste ponto a interpretação é cordial e geral.

O que acabo de dizer é tão exacto, que mesmo os livres pensadores francezes se mostram tão intolerantes como os clericos, e antes merecem o titulo de tyrannos pensadores que de livres pensadores. Querem ter o direito de não crer nem em Deos nem no diabo. Nada mais justo; porém o que é menos justo e bastante illogico, é que têm a mania de protestar contra os que crêm em alguma couza.

Uns querem impôr a fé e outros a incredulidade.

Emfim o francez é intelligente, espirituoso; porém, nunca aprenderá uma couza: — esta sublime arte, . . . o saber ser livre.

Compoem-se os Estados-Unidos de 37 Estados formando federação.

Nós temos 89 departamentos: eis ahi o que seria a França, applicando-se-lhe a constituição de Washington.

Cada departamento seria constituido á maneira de pequeno Estado independente, tratando de seus proprios negocios sem ter necessidade de dirigir suas queixas, seus pedidos, a um governo central afastado, que não pôde dar senão um lento socorro e uma attenção mediocre aos interesses privados das provincias.

Os habitantes deste Estado nomeariam por meio do suffragio, um governador, um vice-governador, uma camara de deputados e um senado.

Os membros destas duas corporações teriam de occupar-se dos negocios do Estado e de trabalhar para sua prosperidade.

Todos os funcionarios seriam nomeados do mesmo modo, assim como todos os magistrados; a duração de seu mandato seria de trez annos.

Cada estado teria uma policia, nemeada tambem por meio do suffragio dos cidadãos, os proprios officiaes de justiça nomeariam d'entre si seu commissario, esta policia de modo algum teria uma missão politica; tornados impossiveis os golpes de Estado, elles não teriam que contribuir para isso.

Ser-lhes-hia vedado molestar os cidadãos, espreital-os; o domicilio, a pessoa de cada um, sendo devidamente inviolavel, nenhum commissario teria o direito de vir abrir com gazua vossas fechaduras, remechar vossos papeis, ler vossos segredos de familia.

Sua unica missão seria a de velar pela segurança dos cidadãos e prender os ladrões e os assassinos.

Não tendo mais que occupar-se com as pessoas honestas, teriam o tempo necessario para perseguir os malfeteiros.

Estes officiaes de justiça e commissarios não estariam mais expostos a desempenhar á força o papel de espiões de policia, a fazer prizões arbitrarías, a ser vis agentes da tyrannia; não sendo mais do que simples cidadãos velando e zelando a segurança geral, — seriam tratados com as mesmas attensões que os demais funcionarios; não se teria prevenção alguma contra elles.

Esta policia local não teria que receber ordens do governo central; seria puramente local: nomeada pelos cidadãos, não teria que dar contas senão a elles.

(Continúa.)

LITTERATURA

A' ELLA. . . .

Sonhei-te um anjo, divinal, donzella,
Mais pura e bella que do valle a flôr!
Sonhei-te diva, recatado arcanjo,
Sonhei-te um anjo... e dediquei-te amor!

Minh'alma triste só em ti scismava,
Só anciava um sorriso teu...
E então na lyra dezolada ouvis-te
Minh'alma triste remontar-te ao céu!

Porém foi sonho, ficção, lyrismo,
Que o prozaismo me tornou em luz...
Foi devaneio de ideal rizonho...
Porém foi sonho, que ligou-me á cruz!

Oh, não se exprime no cruel desperto
O louco incerto, deste sonho o fim!
O vacuo immenso que meu peito opprime,
Oh, não se exprime meu viver assim!

A. DIAS DE FREITAS.

LONGE!

Longe, sem ver tão largo tempo,
Sem poder ver o anjo que contemplo,
Não posso viver;
Eu sinto, Senhor, que auzencia é longa
E o meu mal cada vez mais se prolonga
E eu me sinto morrer!

Oh, Senhor, deixai que mais um dia veja
A fada por que tanto almeja
Um louco d'amor!
Deixa que em seus braços reclinado
Descance um pobre desgraço
Immerso em fera dor.

Longe, tão longe! eu não posso vel-a
D'olhar brilhante, qual brilhar da estrella
Fitado em mim!
Não posso extaziar-me na belleza
Com que foi tão prodiga a natureza
P'ra esse cherubim!

Assim, Senhor, dai-me mais vida
Para que junto á fada qu'rida
Possa um dia estar,
E depois, se for demais no mundo
Um pobre vate errabundo,
Depois, podes matar!

30 de Junho de 1871.

A. MIRANDA.

RIZO E DOR

A MINHA ELLA. . .

Se vês, oh meu anjo, meus labios rizonhos,
E nelles mil graças que dizem amor;
Não creias, não creias, pois são fementidos
Os rizos que eu solto, são rizos de dor.

Se vês em meu gesto signal de alegria,
Se vês em meus olhos festiva expressão;
Não creias meu anjo, as dôres que trago
São todas occultas em meu coração.

Se ouves na lyra, n'um echo sonoro
Vibrar-se pompoza e alegre canção,
São notas que á força me escapam dos labios;
Não creias... são cantos de mera illuzão.

O rizo nos labios, a dor nas entranhas!
O rizo é disfarce da dor que me prende;
Ninguém, oh meu anjo, conhece a desdita,
Ninguém neste rizo a dor me comprênde.

Infinda desgraça, subida amargura,
Eu hei de sózinho no mundo soffrer;
Do calix as fêzes eu hei de sorrindo
Na vida ir libando, libando morrer!

Escuta meu anjo, eu amo no mundo
As noites sem astros que brilham no céu;
Eu amo os poemas da ave agoreira
Porqu'elles de martyr me dão o trophéo.

Eu amo os cyprestes, as roxas saudades
Erguidas nas campas da triste mansão;
Eu amo os gemidos plangentes da rola
Buscando o filhinho na ampla soidão.

No mundo qu'importa qu'eu viva soffrendo?
Que importa se os males um fim hão de ter?
A vida é um sonho repleto de angustias
Que um dia se ha de do mundo esconder.

Do mundo os triumphos, as glórias, doçuras,
As phrazes sublimes que incitam amor,
Gozal-as não posso, pois trago gravado
Nos labios o rizo, no peito só dor!

P. . . , 1870.

DENIZ JULIO.

A MINHA FLOR.

Não busques no jardim,
Nem nos prados verdejantes,
Não tem as côres brilhantes,
Nem a alvura do jasmim.

Flôr que o sol não aquece.
Nem a rega o orvalho frio,
E nem da brisa o sicio
O seu hastil enlanguêce:

Nem o rijo vendaval
Lh' espalha as folhas no chão,
E' uma flôr sem estação,
Não habita o bosque ou val!

Não tem da rosa o rubor,
Nem do cravo a formosura,
Nem habita na espessura,
Não tem do lyrio o frescor.

Não tem da dhalia formosa
O refolho assetinado,
Não é bonina do prado
Que se matiza vaidosa.

A camelia tão gentil
Jamais a pôde igualar,
Nem a madresilva imitar
O seu aroma subtil.

E' a rainha das flôres,
Não a iguala a côr do heijo,
O jasmim della tem pejo,
Ao pé della tem rubores!

Os junquillos, as romeiras
Oh! são flôres sem valia!
Fica olvidada a acacia,
As açucenas faceiras.

N'uma violeta rouxinha
Com a modestia e o aroma,
Com seu prestigio a não doma
Sendo das flôres a rainha!

Todas as flôres tem valia,
E perfume embriagador:
Mas só de tu'alma a flôr
Pôde inspirar a poesia!

V. F. SILVA.

AVISO ÁS PROVINCIAS

Para facilitar a circulação deste periodico nas provincias a redacção recebe assignaturas em carta fechada dirigida pelo correio á rua Nova do Ouvidor n. 20.

TYP. RUA NOVA DO OUVIDOR N. 20.